

FACULDADE CATÓLICA DE ANÁPOLIS
ESPECIALIZAÇÃO EM TEOLOGIA BÍBLICA

DANIEL RODRIGUES COIMBRA
WESLEY DE SOUZA LOBO

O OLHAR ANTROPOLÓGICO DE SÃO GREGÓRIO DE NISSA SOBRE A
SAGRADA ESCRITURA

ANÁPOLIS-GO

2018

DANIEL RODRIGUES COIMBRA
WESLEY DE SOUZA LOBO

O OLHAR ANTROPOLÓGICO DE SÃO GREGÓRIO DE NISSA SOBRE A
SAGRADA ESCRITURA

Artigo apresentado à Faculdade Católica de Anápolis, como requisito essencial para aprovação no curso de Especialização em Teologia Bíblica, sob a orientação do Prof^o. Dr^o. Fr. Flávio Pereira Nolêto.

ANÁPOLIS-GO
2018

FOLHA DE APROVAÇÃO

DANIEL RODRIGUES COIMBRA

WESLEY DE SOUZA LOBO

**O OLHAR ANTROPOLÓGICO DE SÃO GREGÓRIO DE NISSA SOBRE A
SAGRADA ESCRITURA**

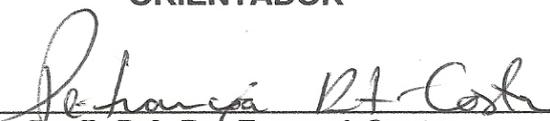
Artigo apresentado à Faculdade Católica de Anápolis, como requisito essencial para aprovação no curso de Especialização em Teologia Bíblica, sob a orientação do Prof^o. Dr^o. Fr. Flávio Pereira Nolêto, com nota avaliativa 9,0

Data da aprovação 12/12/2018

BANCA EXAMINADORA



Prof^o. Dr^o. Fr. Flávio Pereira Nolêto
ORIENTADOR



Prof^o. Dr^o. Pe. Françoá Costa
CONVIDADO

RESUMO

Este trabalho tem o propósito de sintetizar o caráter antropológico dos escritos de São Gregório, tendo em vista, que em seus principais livros, o homem é abordado como o centro da criação de Deus, a obra mais cara, que leva em si os traços do seu criador, que diferente das demais criaturas, assemelha-se ao seu criador pelo caráter intelectual de sua natureza. O pensamento e os escritos deste magnífico filósofo encontram eco, ao pensamento de outros Santos Padres da Igreja Católica. O homem seria mais uma criatura moldada pelas condições físicas e pela natureza, se não colocasse em prática a sua vontade em direção a Deus, que o criou com capacidade de atingir realidades tão superiores. Assim, essa capacidade de reconhecer a Deus, como criador, mestre e salvador, foram dados somente aos homens para que estes dominassem a terra, fazendo dela a sua morada provisória, tirando dela o seu sustento, e pudesse um dia concluir a sua jornada atingindo o ápice desejado por Deus, que é a liberdade total do homem frente ao mal; Abandonar a vida de corrupção que o arrasta desde a desobediência dos primeiros homens e abraçar a vida nova, transformados pelo espírito da inteligência que o retorna à condição originária, onde Deus o quis à sua imagem e semelhança.

Palavras-chave: Antropologia; Criação; Salvação.

ABSTRACT

This work has the purpose of synthesizing the anthropological character of the writings of St. Gregory, in view of the fact that in his main books man is approached as the center of God's creation, the most important work, which carries within itself the features of its creator, who, unlike other creatures, resembles his creator by the intellectual character of his nature. The thought and writings of this magnificent philosopher find echo, to the thinking of other Holy Fathers of the Catholic Church. Man would be Just another creature molded by physical conditions and nature, if he did not put his will into God, which created him with the capacity to reach such higher realities. Thus, this ability to recognize God, as creator, master and savior, was given only to men to dominate the earth, making it their temporary abode, taking from it their sustenance, and could one day conclude their journey by reaching the apex desired by God, which is man's total freedom from evil; Abandon the life of corruption that drags you from the disobedience of the first men and embrace the new life, transformed by the spirit of intelligence that returns you to the original condition, where God wanted you in his image and likeness.

Keywords: Anthropology; Creation; Salvation.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	07
2. São Gregório de Nissa, Bispo e Filósofo. Sua vida e seus estudos.....	09
3. Influências Externas que moldaram o seu pensamento.....	13
4. A Visão Antológica na Sagrada Escritura segundo São Gregório De Nissa.....	16
5. CONCLUSÃO.....	24
6. REFERÊNCIAS.....	26

1. INTRODUÇÃO

Sendo este trabalho uma exigência para a conclusão do curso de especialização em Teologia Bíblica; buscamos um tema que nos parecesse bem útil ao tempo presente, pois vivemos numa sociedade onde os valores estão sendo invertidos, quanto ao valor do homem em relação à natureza. Ao primeiro contato com os escritos de São Gregório de Nissa, pudemos perceber a sua defesa do homem, como a figura central da Criação de Deus e decidimos, a partir daí aprofundar um pouco mais nas suas reflexões, nas suas interpretações da Sagrada Escritura a respeito da criação do mundo e em especial na criação do homem.

Teremos como ferramentas de estudo os próprios textos deixados por São Gregório de Nissa, e também textos de outros autores que trataram do mesmo tema ou que tiveram a mesma impressão ao lerem as Sagradas Escrituras; também utilizaremos a própria Palavra de Deus, pois a interpretação de São Gregório está intimamente ligada à narração da criação do mundo descrita no livro do Gênesis e reafirmada por outras passagens Bíblicas; documentos da Igreja também atestam o que São Gregório defendeu a respeito do homem, portanto nesse trabalho também será possível encontrar menções de documentos, cartas, encíclicas e o Catecismo da Igreja Católica.

Muitos outros temas foram ventilados, para se trabalhar nesse fim de curso, mas pereceu-nos apropriado falar de um assunto tão importante e tão relevante para o mundo moderno. O homem como figura central da criação de Deus, tem um papel fundamental na conservação do mundo, tendo em vista a sua própria existência; esse homem, na perspectiva de São Gregório, deve reencontrar-se com a sua verdadeira vocação, pois uma vez que foi criado à imagem e semelhança de Deus, ele deve assumir a sua condição de regente da humanidade e cumprir os propósitos de Deus para alcançar a plenitude da sua própria vida espiritual.

Ao lermos Gregório de Nissa para entender o verdadeiro significado da criação do homem também se faz necessário confrontar o seu pensamento e suas afirmações à de outros escritores que o precederam e o sucederam, e

assim podermos chegar à compreensão do aspecto antropológico da criação descrita na Sagrada Escritura, na visão de São Gregório.

Nos principais livros de São Gregório, o homem é abordado como o centro da criação de Deus, a obra mais cara, que leva em si os traços do seu Criador, que diferente das demais criaturas, assemelha-se ao seu criador pelo caráter intelectual de sua natureza. Nessa perspectiva, quais são as justificativas, quais são os elementos fundamentais analisados por São Gregório para afirmar seu pensamento acerca da superioridade do homem perante as demais criaturas de Deus, e como provar que a Sagrada Escritura direciona ao homem toda a vontade de Deus por um ser que estivesse à altura de ser dito à sua imagem.

Ainda, neste trabalho, pode-se verificar como um homem, que nascendo no século I tivesse tanta sabedoria para defender a fé cristã dos hereges e pagãos; daí poder afirmar que ele realmente foi inspirado por Deus para tão sublime defesa de que a palavra de Deus, apresentada nos livros sagrados são de fato uma carta, escrita por homens sob a vontade e inspiração do Espírito Santo, direcionada aos homens, para mostrar-lhes a origem do mundo e a origem do homem, e como o mundo foi criado para homem, para a sua realeza e subsistência.

Gregório de Nissa, sendo bispo e grande teólogo, não ficou imune às decepções de origem humana; atordoado pela morte da irmã, a quem muito amava, reflete então sobre a razão pelo qual Deus destrói aquilo que Ele mesmo criou. E foi justamente por essa dúvida que ele chegou ao conhecimento de que a alma humana, manchada pelo pecado desde no início dos tempos, só consegue viver plenamente a perfeição através de um caminho a ser percorrido ao longo da sua vida.

2. SÃO GREGÓRIO DE NISSA, BISPO E FILÓSOFO. SUA VIDA E SEUS ESTUDOS.

Em meados de 335 da era cristã surgia um dos mais filósofos dos santos padres da patrística São Gregório de Nissa, na cidade de Ponto às margens do Mar Negro, filho de Basílio e Emélia seus irmãos eram nove, três homens e seis mulheres aos quais dois o influenciaram de maneira expressiva, sua irmã Macrina e seu irmão Basílio. “Por que ela tinha quatro irmãos e cinco irmãs e pagava taxas para três governos diferentes porque sua propriedade estava espalhada em vários distritos” (SÃO GREGÓRIO, 2018 p. 05). Sua família tinha uma boa economia e sua educação a que tudo indica foi baseada na Paideia Grega, onde muito se valoriza a retórica, a filosofia a gramática, a matemática, a história, a música e a ginástica. Ainda jovem, observa um grande número de familiares se inclinando para a vida monástica, e talvez isso explique suas escolhas futura. Na infância de São Gregório a sua educação iniciou sobre a influência de sua avó Macrina sua mãe Emélia e de forma especial sua irmã Macrina a quem se denominava de “mestra”.

Seus irmãos Basílio Magno (“o Grande” bispo de Cesaréia), Naucratus (vida ascética) e Pedro (bispo de Sebástia). Para entendermos a vida de São Gregório de Nissa veremos a trajetória dos dois irmãos que o influenciaram.

Macrina irmã mais velha a qual o próprio Gregório a venerava como “santa” e “mestra”, para ele era um exemplo de virgindade consagrada ao qual o seu modelo é a própria irmã Macrina relatado em seu livro Vida de Macrina, “Exaltou a virgindade consagrada (A virgindade), e propôs como modelo exemplar dela a irmã Macrina, que para ele permaneceu sempre uma guia, um exemplo” (cf. Vida de Macrina) (BENTO XVI, 2016, p. 103). Primeira a ser gerada numa família de santos, foi batizada com o nome da avó paterna a qual foi orientado por Gregório Taumaturgo e este foi discípulo de Orígenes, Macrina (mestra) e seus irmãos e possivelmente o próprio São Gregório de Nissa foram educados na fé ortodoxa por Macrina (avó paterna).

Quero falar da ilustre Macrina, que nos ensinou as palavras do bem aventurado Gregório (o Taumaturgo), todas as que a tradição oral lhe conservara que ela guardara e das quais se servia para educar e formar na

piedade os pequeninos que éramos, então (Epist. 104,6; 110,1; 123,3) (Basílio, 1998, p.10).

Basílio foi um grande bispo do século IV, e um dos orientadores da formação cristã de Gregório de Nissa “[...] sua formação cristã foi particularmente orientada pelo irmão Basílio, que ele define “pai e mestre” [...]” (Ep. 13,4) (BENTO XVI, 2016, p. 101), nasceu por volta de 330 numa família de santos onde esteve sob a influência de sua avó paterna a qual sua narrativa de vida tenha sido feita anteriormente. O pai desta virtuosa família era notável no que diz respeito a retórica, repassando aos descendentes uma formação pura. Na juventude Basílio teve a oportunidade de fazer viagens frequentes para Antioquia, Atenas e Bizâncio, para fundamentar os cursos de aperfeiçoamento “Completo os estudos com os melhores mestres de Atenas e de Constantinopla”(BENTO XVI, 2016, p. 79); Criou um monaquismo particular não fechado à comunidade da igreja local, mas aberto a ela onde monges administravam escolas e hospitais que estavam a disposição dos pobres demonstrando a plenitude da vida cristã. “Seu hospital era verdadeira cidade operária com forno comunitário, alojamento para empregados, asilo para velhos, ala reservada para doentes contagiosos” (BASÍLIO, 1998, p. 15).

Ainda em relação ao monaquismo oriental existem diretrizes e orientações denominadas basilianas que foram baseadas em conversas de Basílio e os monges; Se tornou bispo de Cesaréia atual Turquia em 370 onde lutou contra os arianos que contavam com o apoio do imperador Valente que dividiu a diocese e reduziu o número de bispos sobre sua jurisdição foi sob estas circunstâncias que impôs a São Gregório a diocese de Nissa e a Gregório Nazianzo a diocese de Sásima para reforçar um episcopado ortodoxo naquela região. “Com zelo e coragem, Basílio soube opor-se aos hereges, os quais negavam que Jesus Cristo fosse Deus como o Pai (cf. Basílio, Ep. 9,3; Ep. 52,1-3; Contra Eunomio 1,20).” (BENTO XVI, 2016, p. 81), morreu em 1379 no primeiro dia daquele ano sempre lembrado pelo dialogo conciliador a serviço da fé, paz e ortodoxia, foi um dos grandes padres que formularam a doutrina sobre a Santíssima Trindade. “Este homem esgotado pelas austeridades e pelas tribulações, prematuramente, a idade de cinquenta anos, em 1º de janeiro de 379” (BASÍLIO, 1998, p. 18).

Do contato ao ambiente monástico, que vivia sua família Gregório de Nissa tornou-se um grande teólogo, manifestando interesse por questões eclesiais, talvez a partir desse período ingressou-se definitivamente à vida episcopal no ano de 372.

Nasceu por volta de 335; sua formação cristã foi particularmente orientada pelo seu irmão Basílio, que ele define “pai e mestre” (Ep. 13,4), e pela irmã Macrina. Terminou os estudos apreciando particularmente a filosofia e a retórica. Num primeiro tempo dedicou-se ao ensino e casou-se. Depois, também ele, a exemplo do irmão e da irmã, se dedicou totalmente à vida ascética. Mais tarde foi eleito bispo de Nissa, demonstrando ser um pastor zeloso a ponto de atrair a estima da comunidade (Bento XVI, 2016, p. 101).

Gregório casou-se, mas este acontecimento não impediu de continuar sua vida monástica, não existem informações se ele teve filhos desta união, neste período continuou seus estudos e aumentou consideravelmente sua cultura teológica lendo a Bíblia, Filon de Alexandrina, Orígenes entre outros teólogos.

O irmão Basílio Magno Bispo de Cesaréia foi de fundamental importância para designação de Gregório ao Episcopado de Nissa em 372 apesar da participação dos habitantes locais, no período de 376 – 378 houve a perda do episcopado acusado por seus opositores de corrupção e irregularidades na ordenação episcopal e é exilado voltando a ser Bispo de Nissa por revogação de Valente imperador ou após a sua morte por Graciano em 378.

Mas Basílio não se deixou intimidar pelas ameaças arianistas. Nesta circunstância, para multiplicar as sedes episcopais em seu território jurídico, impôs ao irmão Gregório a diocese de Nissa e a seu amigo Gregório de Nazianzo a diocese de Sásima, reforçando o episcopado ortodoxo. Apesar de todos os esforços de Basílio, seu irmão Gregório perdera a sede episcopal para os arianos em 376-378 (Basílio, 1998, p. 15).

Em 381 participou do Concílio de Constantinopla sendo um protagonista, neste evento foi definido a Divindade do Espírito Santo. Participante de vários sínodos redigiu importantes obras teológicas.

Em seus anos finais a atividade literária foi intenso o que nos é retratado através de várias obras, cartas que comprova esse labor dos últimos anos.

Enquanto a sua ação pastoral é reduzida, aumenta a vida de meditação, escrevendo as suas obras mais profundas: *De perfectione* (Sobre a perfeição), *De professione christiana* (A profissão cristã), *Homiliae in Canticum Canticorum* (Homilias sobre o Cântico dos Cânticos), *De vita Moysis* (A Vida de Moisés) e *De instituto Christiano* (A vocação cristã) (Gregório, 2011, p. 16).

São Gregório de Nissa escreveu com sabedoria comentários sobre a Sagrada Escritura com uma atenção especial sobre a criação do homem sendo sempre um tema de sua preferência seguindo esta linha escreveu três obras de referência se tratando de Patrística sendo eles: A criação do homem, A alma e a ressurreição e A grande catequese. Obras de leitura essencial para compreender tamanho conhecimento da natureza humana que Gregório de Nissa nos transmite.

Comentou a Sagrada Escritura, detendo-se sobre a criação do homem. Este era para ele um tema primordial: a criação. Via na criatura o reflexo do Criador, e encontrava aqui o caminho para Deus: essa subida rumo ao monte Sinai tornou-se para ele uma imagem da nossa subida, na vida humana para a vida verdadeira, rumo ao encontro com Deus (Bento XVI, 2016, p. 102 e 103).

Dos Padres capadóciolos dos quais faziam parte seu irmão São Basílio Magno (Bispo de Cesaréia), São Gregório de Nazianzo (Bispo de Sásima) e São Gregório de Nissa (Bispo de Nissa), este último se mostrou o mais filósofo.

3. INFLUÊNCIAS EXTERNAS QUE MOLDARAM O SEU PENSAMENTO.

De família fundamentalmente cristã, Gregório de Nissa ficou marcado pelo caráter polêmico e explosivo, e por uma retórica perfeita; estudioso e extremamente comprometido em alcançar uma vida livre das banalidades materiais direcionando sua mente a alcançar respostas que lhe atendessem e atendessem aos interesses da igreja cristã foi notadamente influenciado por um estilo conhecido como Segunda Sofística, movimento intelectual grego nos séculos V a.C. e V d.C. , como nos mostra Bento Silva na introdução à Coleção de Gregório de Nissa:

Eis os influxos encontrados em São Gregório de Nissa: particularidades de forma, terminologias próprias dos retóricos, singularidade de sintaxe dos artistas, processo sistemático de recorrer à imagem e à metáfora, com o conseqüente preciosismo, o uso abundante de comparações tiradas dos assuntos mais diversos (Navegações, guerras, medicina, jogos, artes, astronomia); emprego das pessoas e da natureza. O gosto pelo pleonasma, a aliteração e a hipérbole, a importância dada ao ritmo da frase e a simetria do discurso, a prolixidade da sua dialética, calculadamente paradoxal, o uso contínuo da interpretação alegórica (NISSA, 2011 p.12).

Mesmo influenciado pelas opções monástica da família, escolheu a profissão de retórico e exercia com brilhantismo. Da influência familiar e movido pela ambição do conhecimento, buscou e adquiriu uma profunda formação teológica, o que lhe permitiu aproximação à vida monástica que viera a assumir mais tarde.

Outra influência que podemos observar nas obras de São Gregório de Nissa foi do filósofo Judeu-helenista, Filon de Alexandria do sec. I, essa influência fica claro no capítulo XVI do livro “A criação do Homem”, onde São Gregório fala sobre a dupla criação do homem, a imagem e o sexo.

Todos sabem, penso eu, que este aspecto está excluído do protótipo: “Em Cristo Jesus, como diz o Apóstolo, não existe nem macho nem fêmea.” Mas a Escritura diz estar o homem dividido nessas duas situações. Portanto, dupla é de certo modo a criação de nossa natureza, aquela que é a imagem de Deus e aquela que está dividida nessas diversidades. Isso sugere o discurso segundo a mesma ordem dos argumentos (NISSA, 2011 p.98).

Nota-se, através da leitura de São Gregório que ele teve influência da corrente filosófica platônica na sua formação, isso fica claro em vários momentos de seus escritos:

Mas, ela, imitando os especialistas na arte da cavalaria, deixou a violência do meu desgosto me arrastar por alguns momentos para, em seguida, contê-lo com sua palavra, corrigindo com a sua própria razão, à semelhança de um freio, a minha alma recalcitrante (NISSA, 2011 p.170).

Nessa passagem acima, São Gregório relata uma visita à sua irmã enferma Macrina, e faz alusão ao que Platão tratou no livro Fedro:

Quanto a nós, somos os cocheiros de uma atrelagem puxada por dois cavalos, sendo um belo e bom, de boa raça, e sendo o outro, precisamente o contrário, de natureza oposta. De onde provem a dificuldade que há em conduzirmos nosso próprio carro (PLATÃO, Fedro, p.58).

E em várias outras passagens, São Gregório, deixa transparecer a sua admiração pelos filósofos platônicos e a sua constante citação para explicar a realidade das coisas vivenciadas, suas incertezas e a dupla tendência, para o bem e para o mal. Num momento que muitas heresias surgiam contra a Igreja Cristã, São Gregório ocupa então parte dos seus esforços, para o combate aos hereges e suas doutrinas que contrárias à fé cristã, nisso muitas obras foram escritas, muitos tratados foram divulgados numa clara tentativa de conciliar a cultura filosófica da época aos ensinamentos cristãos. Pode-se afirmar, então que os hereges, e as correntes filosóficas contrárias a fé cristã, tiveram grande influência na vida e nas obras de São Gregório, tendo em vista o seu grande esforço em refutá-los, tornou-o um grande filósofo e um grande teólogo cristão dos primeiros séculos da era cristã.

Relendo a história e observando como São Gregório estava rodeado pela força da Igreja, seja por causa da influência do irmão Basílio que era bispo, seja pela irmã Macrina, muito religiosa e tida como mestra para São Gregório, seja pelo ambiente monástico que o cercava, era de se esperar que, o estudioso e mestre retórico, também se destacasse na teologia e na propagação da doutrina cristã.

Da grande amizade com São Gregório Nazianzo, pode se afirmar que Gregório de Nissa foi sem dúvida, influenciado à vida monástica também por este santo, foi influenciado e influenciador, pois juntos combatiam as heresias da época.

Neste período da história da Igreja, muitos santos padres se destacaram na teologia e filosofia, tendo em vista a proximidade da época dos

santos apóstolos e seus seguidores, e movidos pelo Espírito Santo que os guiava para a sabedoria que manteria a fé cristã em evidência e crescimento, combatendo heresias, revelando a verdade e estabelecendo dogmas que tornariam o alicerce da fé cristã; assim são Gregório de Nissa foi um desses grandes padres que dedicou sua vida ao estudo da filosofia e da teologia, ensinando e pregando uma teologia que revelasse a verdade sobre Deus e o homem. O ambiente era favorável, pois não estava sozinho, a família e os amigos próximos estavam também imbuídos dessa mesma tarefa de revelar a verdade ao povo; os próprios adversários intelectuais também forneciam objeções úteis para a reflexão e refutação; junta-se todo isso e se tem São Gregório de Nissa, filósofo, teólogo e poeta, considerado um dos maiores da sua época.

4. A VISÃO ANTROPOLÓGICA NA SAGRADA ESCRITURA SEGUNDO SÃO GREGÓRIO DE NISSA.

Grande conhecedor das Sagradas Escrituras e com profundo conhecimento em filosofia e retórica, São Gregório de Nissa debruçou-se sobre os escritos Sagrados para explicar o sentido e a razão da existência humana a partir das verdades aceitas como irrefutáveis, tanto pela filosofia, no campo da razão, como pela teologia, no campo da fé.

Definindo o homem, como sendo, a principal e mais sublime criação de Deus ele nos mostra que a sua convicção é em parte a continuação daquilo que seu irmão, e não menos santo, Basílio de Cesaréia, já o tratara anteriormente, ao que Basílio já havia dito, São Gregório escreve:

Sua especulação colocou ao alcance de muitos a beleza do universo e tornou cognoscível, para aqueles que teriam sido impelidos ao estudo da sua ciência, o mundo formado pela verdadeira sabedoria de Deus (NISSA, 2011 p.50).

Dando como que continuidade à obra do irmão Basílio, São Gregório, esforça-se por levar à plenitude a compreensão da Sagrada Escritura, no que se refere à criação, em especial a criação do homem. Para São Gregório:

De fato nenhuma outra coisa é semelhante a Deus, exceto a criação do homem. Assim, confio que haja compreensão por parte dos benévolos leitores em relação ao meu escrito, mesmo se o discurso permanecer muito aquém da dignidade do argumento: de fato em tudo o que concerne ao homem, nada se deve deixar sem exame do que a fé nos ensina de seu passado, do destino que esperamos para ele no futuro e de sua condição presente (NISSA, 2011 p.50).

A grandiosidade da obra de Deus é reconhecida por São Gregório Nissa nesses escritos; tudo que foi criado é muito bom, mas não o suficiente para receber a semelhança do próprio Deus. Tudo que foi criado tem uma função, uma utilidade para a qual foi criado, mas semelhante ao seu Criador somente o ser humano. Assim vemos no relato da criação, no livro do Genesis:

Então Deus disse: façamos o homem à nossa imagem e semelhança. Ele domine os peixes do mar, as aves do céu, os animais domésticos, todas as feras todos os répteis que rastejam sobre a terra. E Deus criou o homem à sua imagem; imagem de Deus ele o criou; e os criou

homem e mulher. E Deus os abençoou e lhes disse: Sejam fecundos, multipliquem e, encham e submetam a terra; dominem os peixes do mar, as aves do céu e todos os seres vivos que rastejam sobre a terra, e Deus disse: Vejam! Eu entrego a vocês todas as ervas que produzem semente e estão sobre toda a terra, e todas as árvores em que há frutos que dão semente: tudo isso será alimento para vocês. (GEN, 1; 26-29)

Mesmo dando conta de que o homem e toda a criação de Deus no passado se encontra na atualidade muito diversa e às vezes contraditória, São Gregório não vê problema em encontrar uma sequência lógica para tal distanciamento; no plano de Divino está a resposta para toda dúvida quanto à deformação humana em relação à criação original, e o papel do homem na redenção de toda a criação de Deus. Não à toa Deus deixou o homem por último na criação. Tudo estava pronto quando o homem foi criado, mas não foi preterido por Deus, deixado por último não seria sinônimo de menosprezo ou exclusão, seria a conclusão perfeita de uma obra planejada por um Ser perfeito. Convinha que o homem viesse após tudo estar pronto, pois Deus o dono de tudo e criador de todas as coisas, preparou para ele todo o universo para que ele reinasse plenamente.

São Gregório apresenta o homem criado por Deus com uma referência totalmente diferente das outras criaturas. Nota-se que tudo foi criado, sem se referir de onde vem e qual a sua composição, isso acontece com todas as criaturas, exceto o homem; este foi “criado à imagem e semelhança de Deus” (Gen1,26) A essa narração Bíblica São Gregório exclama:

Que coisa admirável! O sol é criado e nenhuma deliberação precede! E assim acontece para o céu. Entretanto, nada os iguala na criação. Com uma só palavra essas maravilhas subsistem, e o discurso sagrado não indica nem donde vêm, nem como, nem outras coisas do gênero. Assim toda coisa em particular, o éter os astros, o ar que está no meio, a terra, os animais, as plantas, todas estas coisas vêm à existência com uma só palavra. Na Criação do homem, o Criador do universo avança com circunspeção: primeiramente, ele prepara a matéria necessária para a sua formação, torna semelhante a sua forma e beleza de um arquétipo; em seguida, segundo o fim pelo qual ele o criou. Ihe compõe uma natureza acordada a ele mesmo e em relação com as atividades humanas, segundo o plano que ele se propôs (NISSA, 2011 p.58).

Assim, São Gregório recorda a Sagrada Escritura, onde Deus demonstra todo o seu amor, toda a sua afeição e preferência pelo ser humano. A ele, o homem, Deus preparou um ambiente, uma forma e uma característica especial, que é a Sua imagem e semelhança. São Gregório completa a sua reflexão:

Assim [Deus] constrói a nossa natureza como alguma coisa adaptada ao exercício da realeza. Pela superioridade que vem da alma, pela forma mesma do corpo, ele dispõe as coisas de tal sorte que o homem seja apto ao poder régio (NISSA, 2011 p.59).

Essas exposições de São Gregório evidenciam o seu pensamento acerca da superioridade do homem em relação às outras criaturas de Deus, torna clara a sua compreensão de que Deus quis o poder régio do homem sobre os animais criados e sobre a terra que ele habita, em primeiro lugar porque o homem tem imagem e semelhança daquele que cria, e segundo lugar, porque ele foi disposto corporalmente a isso.

Deus criou o homem para a realeza, mas Ele mesmo não o ornou com coroa ou vestimenta resplandecente, como fazem os reis modernos. Deus ornou o homem com virtudes e inteligência, com razão e dignidade de ser dito semelhante a Deus, por essa razão ao homem foi dada a capacidade, física e intelectual, para o domínio sobre as criaturas que foram criadas antes de si.

Essa forma de interpretar a Sagrada escritura foi confirmada pela Igreja em vários momentos, através de documentos, livros, cartas e constituições. Assim temos:

De acordo com a sentença quase concorde dos crentes e não crentes, todas as coisas existentes na terra são ordenadas ao homem como a seu centro e ponto culminante (Gaudium et Spes, 12).

E também Santo Agostinho reconhecendo o poder régio do homem, sobre os animais e sobre tudo criado na terra por Deus diz:

A expressão “julga tudo” significa que tem poder sobre os peixes do mar e as aves do céu, sobre todos os animais domésticos e selvagens, sobre a terra e os répteis que nela se arrastam. Ele exerce tal poder por meio da inteligência, pela qual percebe o que pertence ao espírito de Deus (AGOSTINHO, 1984 p.401).

São Gregório responde ao questionamento do porque dos homens terem sido diferente dos demais animais, criado por Deus desprovido de defesas corporais como outros bichos, exemplo: urso, que é dotado de pelo para proteção contra o frio, garras e dentes para proteção e ataque aos predadores e presas; ou dos felinos que são velozes, ou ainda das aves que

voam pra se defenderem e locomoverem. A esses aspectos, São Gregório nos mostra que algo poderia estar errado, pois aquele que foi criado para ser rei, não poderia ser inferior fisicamente aos seus súditos; O fato de ser limitado fisicamente, não torna o homem inferior, pois Deus na sua magnífica criação, dotou o homem da mais nobre força, a inteligência.

Pela inteligência o homem supera todos os limites do seu frágil corpo, domesticando animais e lhe submetendo, para que estes lhe forneçam o que lhe é útil para lhe compensar a falta de velocidade, a falta de força e o frio. A postura corpora ereta do homem, também foi destacada por São Gregório:

O fato de que somente o homem entre os seres seja feito assim, enquanto o corpo de todos os outros animais é orientado para baixo, mostra claramente a diferença de dignidade que há entre os seres sob o poder do homem e esta potência colocada acima deles (NISSA, 2011 p.65).

E São Gregório conclui, a esse respeito, que Deus preparou tudo ao homem antes que ele viesse ao mundo, para que ele pudesse dispor de todo o recurso que ele necessitasse para o seu bem estar, e que a grandeza do homem está na sua natureza racional. Nascer, crescer, comer e morrer é uma característica de todos os seres vivos, mas a consciência de todas essas fases é possível apenas ao ser racional inteligente, o homem. Na Palavra de Deus o Salmista também exclamou.

O que é o homem, para dele te lembrares? O ser humano, para que o visites? Tu o fizeste pouco menos do que um deus, e o coroaste de glória e esplendor. Tu o fizeste reinar sobre as obras de tuas mãos, e sob os pés dele tudo colocaste: ovelhas e bois, todos eles, e as feras do campo também; as aves do céu e os peixes do oceano, que percorrem as sendas dos mares. Javé, Senhor nosso, como é poderoso o teu nome em toda a terra! (SALMO 8,5-10)

Se de um lado, o que diferencia o homem das outras criaturas é a sua natureza racional, por outro lado o que as torna semelhante é a natureza natural, ou instintiva, ou como São Gregório as definem, como paixões vulgares, isenta de racionalidade. Ora, uma vez o homem perdendo o domínio sobre o seu corpo, deixando-se agir movido pelas paixões vulgares, torna-se escravo do próprio corpo, assemelhando-se aos animais originalmente

submissos, e chegando a esse ponto o homem, ofusca em si aquela característica sublime da imagem e semelhança de Deus.

Frequentemente também seu raciocínio se embrutece por sua inclinação e seu comportamento animal, recobrando a nossa parte melhor com a pior. Com efeito, quando alguém arrasta esta atividade de pensamento para essas coisas e força o raciocínio a tornar-se servo das paixões, produz-se uma reviravolta da marca de Deus em nós em direção à imagem irracional; toda a nossa natureza se transforma segundo esta [parte] como se nosso raciocínio não cultivasse mais senão os princípios das paixões e os fizesse proliferar abundantemente (NISSA, 2011 p.109/110).

São Gregório de Nissa, alerta aos seus leitores que a natureza do mal é enganar os sentidos humanos, tornar agradável o que é desagradável, tornar belo o que é disforme, assim atraído por uma aparente beleza e bondade, o homem, excitado pelo desejo aparente torna-se uma presa fácil para ser arrastada pelos caminhos mais baixos da sua existência.

Escorregaria alguém na imundice repugnante da intemperança, se não julgasse belo e desejável o prazer aquele que é atraído para baixo em direção às paixões? Assim outros pecados: sua ação corruptora está escondida; mas no início parecem desejáveis e são procurados como um bem por engano por aqueles que não observam atentamente (NISSA,2010 p.115).

A Sagrada Escritura apresenta a queda do ser humano perante a tentação do mal, representada no paraíso pela serpente, que aproveitando do desejo vaidoso da natureza humana atraiu-os, homem e mulher, para o afastamento de seu Criador, quebrando aquela aliança, pela qual tinha livre acesso a Deus, vivendo, reinando e usufruindo de todos os bens criados para o seu bem, para a sua realeza. O homem, introduzido no paraíso, para comandar, tornou-se escravo pela ambição e pela vaidade. Enganados pelo mal, tornaram-se escravos dele e arrastou, toda a sua descendência como castigo.

São Gregório faz então esse caminho percorrido pelo homem desde a sua introdução ao paraíso, triunfante e rei, semelhante ao seu criador pela inteligência e racionalidade, submetendo ao seu domínio todos os animais, da

terra e da água, todas as plantas e tudo que lhe fosse útil para sobreviver; mostra também o homem que cai, o homem que se submete mais aos instintos que a razão, o homem que longe da luz aproxima-se da escuridão.

Mas não seria possível que aquela criatura, semelhante a Deus, pudesse perecer no erro sem a possibilidade de volta, sem a possibilidade do reencontro com a sua verdadeira vocação, que originalmente era régia; a esse respeito São Gregório diz:

Mas o vício não é tão forte que possa ultrapassar a força do bem, nem a inconstância da nossa natureza é melhor e mais firme que a sabedoria de Deus. De fato, não é possível que aquilo que se move e muda seja mais forte e estável do que Aquele que, estabelecido no bem, é sempre idêntico a si mesmo. Enquanto a vontade divina sempre e em todo lugar tem a imobilidade, a nossa natureza móvel não permanece fixa nem mesmo no mal (NISSA, 2011 p.117).

O homem, na visão de São Gregório, é então essa figura central da Sagrada Escritura, é aquele para o qual o mundo foi criado, o único agraciado com a semelhança do seu Criador, capaz de reconhecê-lo e amá-lo, mas que por má inclinação, por má utilização da sua capacidade de raciocinar desceu ao nível dos animais irracionais, submetendo-se aos prazeres materiais. Mas Deus não falharia na sua criação, do contrário não seria Ele onipotente. Deus permitiu a queda, provocada pelo próprio homem, para que pudesse mostrar a capacidade humana de redenção; isso está claro na Sagrada Escritura, através de toda a história da salvação, do antigo ao novo testamento. Deus na sua infinita sabedoria e bondade, criou o homem, à sua imagem e semelhança, para que governasse a terra, mas deu-lhe livre arbítrio para decidir o que fazer com a sabedoria e inteligência que recebeu em abundância do Criador. Uma vez caído, pode levantar-se, pelo poder de Deus que se manifestou desde o início dos tempos. O primeiro homem, como veremos, é o protótipo, a imagem daquele homem perfeito que haveria de vir na consumação dos tempos.

Na realidade o mistério do homem só se torna claro verdadeiramente no mistério do Verbo encarnado. Com efeito, Adão o primeiro homem era a figura daquele que haveria de vir, isto é, de Cristo Senhor. Novo Adão, na mesma revelação do mistério do Pai e de seu amor, Cristo manifesta plenamente o homem ao próprio homem e lhe descobre a sua altíssima

vocação. Não é, portanto de se admirar que em Cristo estas verdades encontrem sua fonte e atinjam seu ápice (Gaudium et Spes, 22).

A essa reflexão, São Gregório traz à luz o novo testamento, como o cumprimento e o complemento do caminhar humano sobre o mundo criado por Deus. Jesus Cristo, prefigurado em Adão, é o Homem por excelência, é a materialização do desejo inicial de Deus para com a criação do homem. A antropologia desenvolvida por São Gregório de Nissa a partir da Sagrada Escritura, mostra então as evidências do homem criado por Deus com características divina e características terrenas, capaz de atingir realidades acima de todas as criaturas criadas a seu tempo, mas possível de padecer racionalmente pelo distanciamento das características divinas e entregar-se demasiadamente às coisas terrenas. Também o catecismo da Igreja Católica reafirma essa liberdade que o homem recebeu para escolher o caminho a seguir:

A liberdade é o poder, baseado na razão e na vontade, de agir ou não agir, de fazer isto ou aquilo, portanto, de praticar atos deliberados. Pelo livre-arbítrio, cada qual dispõe sobre si mesmo. A liberdade é, no homem, uma força de crescimento e amadurecimento na verdade e na bondade. A liberdade alcança sua perfeição quando está ordenada para Deus, nossa bem-aventurança (Catecismo da Igreja Católica, 1730).

Mesmo antes da queda humana, Deus já havia disponibilizado os meios para que ele progredisse no aperfeiçoamento intelectual, quanto mais evoluído racionalmente, mais semelhante a Deus e mais livre. Deus colocou na razão humana o desejo pela verdade, e Santo Agostinho, sobre esse desejo pela verdade falou:

Conheci muitos com o desejo de enganar aos outros, mas não encontrei ninguém que quisesse ser enganado. Onde conheceram essa felicidade, senão onde conheceram a verdade? Se de fato não querem ser enganadas, é porque amam também a verdade. No entanto não a amariam se dela não tivessem alguma noção na memória (AGOSTINHO, 1984 p.33).

São Gregório, reconhecendo o estado de perfeição que habita o coração humano, mesmo quando este está inclinado pra coisas terrenas, e mesmo parecendo ter perdido as características divinas, o homem não consegue tirar

de si a desejo pela verdade, pois dela é partícipe; Deus não erra não se engana e não se confunde. Se Deus o fez, à sua imagem e semelhança, o homem pode até se esquivar, se perder, mas jamais perderá a sua característica de criatura feita à imagem da Perfeição. Deus, na história da salvação, não destruiu a criatura desobediente, Ele a resgatou, mostrando que do início ao fim, o homem é a criatura preferida de Deus. A Sagrada Escritura é verdadeiramente o livro da história da salvação, o livro que conta como Deus criou o homem, como Deus deu-lhe liberdade, como o homem, desobedeceu e afastou-se, e como Deus o resgatou.

CONCLUSÃO

Ao terminar esse trabalho podemos atribuir a riqueza do pensamento de São Gregório de Nissa ao ambiente monástico familiar, à vida monástica que viveu e ao ambiente favorável à investigação filosófica e teológica. Numa época em que a fé cristã se firmava como a verdadeira e única boa nova de Deus, São Gregório e outros santos Padres, se debruçaram sobre as Sagradas Escrituras afim de compreender os desígnios de Deus e interpretar os livros Sagrados. Nesse sentido ele encontrou harmonia entre o homem criado por Deus, descrito nas Sagradas Escrituras, e a concepção humana discursada por grandes pensadores, como Platão, Aristóteles, Orígenes e tantos outros.

Analisando os escritos de São Gregório, dos autores que foram citados nessa pesquisa e também os documentos da Igreja, reafirmamos a importância desse estudo sobre a condição do homem em relação à criação e em relação a tudo que foi criado. O homem não pode ser visto apenas como mais uma criatura, muito menos como inferior aos demais animais, nem mesmo à condição de igualdade aos outros animais. O homem é superior. Deus quis assim, Deus fez assim. Compreender e aceitar essas afirmações aproxima-nos da compreensão do projeto de Deus para a existência do próprio homem, e em particular para a compreensão da própria vida.

Vimos, através destas pesquisas, que é preciso avançar no conhecimento do homem, é preciso dedicar tempo nas faculdades, nas escolas, nas famílias, no estudo individual, para se chegar à plena compreensão da vida no seu mais profundo significado. Compreender os aspectos de sermos imagem e semelhança de Deus.

Focado na compreensão da Sagrada Escritura, sob a perspectiva de que o homem é a figura central e principal, o pensamento e os escritos de São Gregório encontram eco, ao pensamento de outros Santos Padres da Igreja, que juntos, formularam documentos e chegaram às conclusões que garantiram a base sólida da doutrina da Igreja Católica.

O homem seria apenas mais uma criatura, moldada pelas condições físicas e pela natureza, se não colocasse em prática a sua vontade em direção a Deus, que o criou com capacidade de e atingir realidades tão

superiores. Assim, essa capacidade de reconhecer a Deus, como criador mestre e salvador, foi dado somente aos homens para que estes dominassem a terra, fazendo dela a sua morada provisória, tirando dela o seu sustento, e pudesse um dia concluir a sua jornada atingindo o ápice desejado por Deus, que é a liberdade total do homem frente ao mal; abandonar a vida de corrupção que o arrasta desde a desobediência dos primeiros homens e abraçar a vida nova, transformados pelo espírito da inteligência que o retorna à condição originária, onde Deus o quis à sua imagem e semelhança.

REFERÊNCIAS

AGOSTINHO, Santo, **Confissões**. São Paulo: Paulus. 1984.

AQUINO, Prof. Felipe de, **A Sagrada Tradição**, Coleção Escola da Fé Vol. I 8. ed. Lorena: Editora Cléofas, 2010.

BENTO XVI, **SpeSalvi**, Carta Encíclica, 4. ed. São Paulo: Paulinas, 2008.

BÍBLIA – **Bíblia Sagrada**, 94. ed. São Paulo: Editora Ave Maria.

CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA, Edição Típica Vaticana. São Paulo: Edições Loyola. 2000.

COMPENDIO DO VATICANO II- Constituições Decretos Declarações, 31^a ed. Petrópolis: Editora Vozes. 2017.

MAGNO, Basílio. **Basílio de Cesaréia**. São Paulo, SP: Paulus, 1998.

NISSA, Gregório de, **A Criação do Homem; A Alma e a Ressurreição; A Grande Catequese**. Coleção Patrística. 1^a ed. São Paulo: Paulus. 2011.

NISSA, Gregório de. **Vida de Macrina**. disponível em: <<https://www.ricardocosta.com/traducoes/textos/vida-de-macrina-sec-iv>>. acesso em 04 nov. 2018.

PAULO II, João, **Fides et Ratio**, Carta Encíclica, 4. ed. São Paulo: Paulinas, 1999.

PAULONI, **Populorum Progressio**, Carta Encíclica, 12. ed. São Paulo: Paulinas. 1990.

Platão, **Fedro ou da Beleza**, Pinharama Gomes, 6.ed Guimarães Editores: Lisboa, 2000, p.58 disponível em:

<<http://www.netmundi.org/home/wp-content/uploads/2017/07/fedro-plat%C3%A3o.pdf>>. Acesso em 07 nov. 2018.